



destaques:

- *XII Encontro SIOT*
- *Resumo do XI Encontro SIOT*
- *À conversa com... Carvalho da Silva*

56/57 Julho-Dezembro 2006

Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho

Boletim de SIOT

quadrimestral

XII Encontro SIOT **CIDADANIA E EMPREGABILIDADE:** *as novas paisagens socioprofissionais*

Fundação Calouste Gulbenkian
27 e 28 de Março de 2007

A APSIOT organizará o seu XII Encontro Nacional, desta vez em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, nos dias 27 e 28 de Março de 2007.

O Encontro abre e encerra com duas Mesas Redondas, constituídas por personalidades de renome, que serão convidadas para o efeito. No espaço compreendido entre a mesa do dia 27 e a mesa do dia 28, decorrerão cinco Painéis temáticos, sob os quais serão apresentadas perto de 50 comunicações de universitários e investigadores, técnicos de empresas e outras organizações públicas e privadas.

Pretende-se assim promover um espaço de partilha de saberes e um debate crítico das questões que estão subjacentes ao tema geral e subtemas das Mesas e dos Painéis.

Sessão Solene de Abertura

Mesa Redonda: Cidadania e Empregabilidade

Painel A - **Globalização, inovação e flexibilidade no emprego**

Painel B - **Formação, qualificação e competências**

Painel C - **Integração socioprofissional**

Painel D - **Igualdade de oportunidades de emprego**

Painel E - **Gestão de RH, Qualidade e Prevenção de Riscos Laborais**

Mesa Redonda: Gestão de Recursos Humanos e Prevenção de Riscos Profissionais

Sessão Solene de Encerramento

Informações/Inscrições:

Telf./Fax: 21 868 79 41

apsiot@mail.telepac.pt

Editorial

Caros colegas,
Chegados ao final do ano, é tempo de balanços e delinear estratégias para o próximo ano. No entanto, espero que possam dispensar alguns momentos à leitura do nosso Boletim.

Ao começar encontrarão um pequeno relato sobre XI ENSIOT, organizado em torno do tema geral "*Competitividade, Responsabilidade Social e Qualidade de Vida*". Convidamo-vos de seguida a uma leitura atenta à entrevista que fizemos Dr. Carvalho da Silva, sócio da APSIOT e Secretário-geral da CGTP. Nesta conversa, ao Dr. Carvalho da Silva, deu-nos alguns pontos de vista enquanto dirigente sindical e investigador de questões relacionadas com o mundo laboral,

em particular sobre a responsabilidade social das organizações, temáticas relacionadas por este dirigente, com o actual papel dos sindicatos. Gostaríamos de enaltecer o "acto benemérito" da Professora Luísa Cristovam, ao ceder cerca de 100 publicações ao Fundo Documental da APSIOT, assim como, também dar as boas vindas aos novos sócios da APSIOT.

Sobre a actividade interna da nossa Associação, encontrarão uma breve nota sobre a Assembleia-Geral realizada no passado dia 29 de Abril de 2006.

Apresentamos ainda um brevíssimo resumo dos últimos 2 seminários organizados pela APSIOT: "*Desenvolvimento Local, Empresas e Autarquias*" realizado em Oeiras e "*Desafios à Economia Social - Políticas e Práticas*" realizado na Universi-

dade do Minho.

Para terminar, divulgamos 3 publicações gentilmente cedidas à APSIOT, e cuja organização foi da responsabilidade de três ilustres Associadas, e ainda o livro da APSIOT financiado pelo POEFDS. Gostaria ainda de comunicar que, por motivos pessoais e profissionais, eu e a colega e amiga Celeste Martins Silva, deixamos de colaborar como responsáveis editoriais deste Boletim. Queremos agradecer a todos – colegas sociólogos, investigadores e estudantes – que durante 5 anos colaboraram connosco e deram um importante contributo para melhorar continuamente esta importante plataforma de comunicação da APSIOT.

A todos uma excelente consoada e um feliz ano de 2007. Até um dia...!

Luís Lourenço

COMPETITIVIDADE, RESPONSABILIDADE SOCIAL E QUALIDADE DE VIDA

XI ENCONTRO NACIONAL DE SOCIOLOGIA
INDUSTRIAL, DAS ORGANIZAÇÕES E DO TRABALHO (ENSIOT)

1 XII Encontro Nacional SIOT

1 Editorial

2 *Resumo:*
XI Encontro Nacional SIOT

4 Assembleia Geral da APSIOT
2005/2006

5 À conversa com...
Carvalho da Silva

7 *Resumo do Seminário:*
Desenvolvimento Local,
Empresas e Autarquias

7 *Resumo do Seminário:*
Desafios à Economia Social -
Políticas e Práticas

11 *Fundo Documental:*
Ofertas e permutas

11 Novos Sócios

12 Publicações de Sócios

A APSIOT realizou o XI Encontro Nacional de SIOT nos dias 24 e 25 de Novembro de 2005, fazendo-o pela primeira vez fora da cidade de Lisboa e em instalações do mundo empresarial. Foi nossa opção descentralizar o ENSIOT e abrir a Associação a novas entidades da sociedade civil. O evento realizou-se na cidade do Porto e nas excelentes instalações da AICCOPN, levando a APSIOT ao encontro de novos públicos e de novas entidades parceiras.

Embora a assistência tenha sido inferior aos encontros realizados em Lisboa, conseguiu-se uma afluência bastante significativa, activa e descontraída. O encontro cumpriu os horários estabelecidos e foi profícuo em novidades, com a experimentação de um modelo novo de encontro, que procurou ser concentrado e extremamente rico em informação, oferecendo aos participantes uma panóplia de conhecimentos e de debates em apenas 2

dias. Especificamente, o XI Encontro foi organizado em torno do tema geral "Competitividade, Responsabilidade Social e Qualidade de Vida", em virtude de tais temáticas se constituírem de capital importância para o mundo do trabalho e para o próprio desenvolvimento do país. A estrutura do encontro organizou-se em três temas dominantes, apresentando para cada um deles uma conferência de enquadramento de cerca de vinte minutos, proferida por um reconhecido especialista da área, e uma mesa redonda com vários especialistas que exercem a sua actividade em instituições ligadas ao tema em debate, culminando com o comentário crítico de um sociólogo. Após a realização das mesas redondas, e para finalizar o tema, foram apresentadas dezenas de comunicações propostas por investigadores sociólogos/as e de áreas afins.

A mesa de abertura do XI Encontro Nacional da APSIOT contou com a presença e os discursos do Presidente da APSIOT, Rui Moura, do Presidente da Comissão Organizadora, Norberto Rodrigues, do Presidente da AICCOPN, Campos Reis, e da Presidente da APS, Anália Torres.

No primeiro tema, "Os Grandes Desafios da Competitividade", um tema que continua na ordem do dia para os sociólogos e todos os profissionais ligados às empresas e organizações, iniciámos com a conferência de Arminda Neves, Coordenadora Adjunta da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico sobre os grandes desafios da competitividade, os quais lançaram as principais questões relacionadas com a competitividade.



Em seguida, a mesa redonda "Competitividade Empresarial e Sector Têxtil" direccionou o debate para uma área mais específica, tendo tido os contributos de Rafael Campos Pereira, a representar a Associação Nacional dos Industriais Meta-lúrgicos, Ribeiro Fontes a representar a ANIT-LAR e Manuel Freitas a representar a Federação de sindicatos têxteis. O debate foi moderado por Hélder Oliveira da Direcção Geral da Empresa. No final houve o comentário crítico da socióloga Luísa Oliveira.

No primeiro painel de comunicantes, Ivo Antunes abordou os efeitos perversos da competitividade, destacando a crescente importância relativa das formas atípicas de contratação na realidade portuguesa, aliada ao agravamento da desigualdade da relação de poder empregador-trabalhador. Marinus Pires de Lima apresentou os resultados de uma investigação sobre os Quadros e Téc-

nicos Bancários, realizada em parceria com o Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários. Luísa Oliveira focou o tema da Construção Social da Inovação, ilustrando a problemática com um estudo de caso. Procurou compreender ao nível micro, com base em informação qualitativa, quais os problemas que se colocam à construção de redes-de-inovação, fazendo uma abordagem sociológica da problemática da inovação tecnológica. Em seguida, António José Almeida analisou as ILE, questionando a sua capacidade de geração de emprego, bem como procurou realçar linhas de compreensão das especificidades do emprego gerado. Maria Amélia Marques apresentou um estudo sobre as práticas de gestão de recursos humanos, bem como as formas organizacionais adoptadas no sector da indústria farmacêutica em Portugal.

Maria João Santos falou-nos de Gestão Estratégica de Conhecimento, Criatividade e Inovação, sistematizando estes conceitos e destacando a importância de uma gestão estratégica e criativa baseada essencialmente em activos intelectuais e intangíveis. Maria Luísa Cristovam apresentou uma reflexão sobre a RSE na sua interface com as relações sociais, sobretudo de carácter colectivo na empresa, realizada com base num estudo elaborado para a Direcção Geral do Emprego da Comissão Europeia. Cristina Parente apresentou o estudo Construção Social das Competências Profissionais no sector metalomecânico, em que concluiu que existe uma forte estruturação das competências profissionais delineada a partir do



domínio de tarefas em que os trabalhadores exercem as suas actividades de trabalho. Ainda Cristina Parente, com Carlos Gonçalves e Luísa Veloso, apresentaram uma reflexão sobre a transição do trabalho dos licenciados em Sociologia da FLUP, comparando dados de dois estudos empíricos. Destacaram a

existência de posicionamentos direccionados para uma afirmação de espaços de profissionalidade próprios dos sociólogos face a outros profissionais. Daniela Martins apresentou um estudo empírico sobre rotação laboral numa empresa de telecomunicações, procurando destrinçar situações de precariedade de situações de mudança de atitude das empresas e dos próprios indivíduos.

José Sampaio

apresentou um trabalho sobre mapeamento de indicadores num sistema complexo de trabalho, procurando responder à questão de como identificar e operacionalizar competên-

cias profissionais numa perspectiva de competitividade, flexibilidade organizacional e emprego sustentável. Paula Urze apresentou um estudo sobre relações de cooperação e de subcontratação procurando averiguar em que medida, e de que modo, a confiança interfere nas relações de negócio. Por fim, Paulo Parreira apresentou uma comunicação sobre a temática da Liderança em organizações de saúde, um estudo empírico em que se procurou demonstrar que a complexidade comportamental do líder poderá contribuir para maior eficácia organizacional.

O segundo tema, "Funções Sociais e Responsabilidade Social", relativamente novo e de grande interesse para os sociólogos, iniciou-se com a conferência de enquadramento "Funções Sociais e Responsabilidade Social", proferida também por Arminda Neves que nos falou da sua experiência profissional na área da responsabilidade social das organizações. Em seguida, na mesa redonda, Responsabilidade Social das Organizações – O presente e o Futuro, debateu-se praticas actuais e intenções futuras, com o contributo de José Alves da Silva, representando a APImprensa, Alfredo Maia, em representação do Sindicato dos Jornalistas, e Alexandra Costa Artur, pelo CECOA. O debate foi moderado pela DECO Norte, representada por António Leal, e no final tivemos o comentário crítico da socióloga Maria João Santos. Esta mesa redonda foi muito interessante por ter tido, pela primeira vez, a presença de uma associação de consumidores em debate com as outras associações, sindicatos e empresas.

Ao nível dos trabalhos de investigação e estudos, oito oradores apresentaram comunicação no primeiro painel sobre o tema .Funções Sociais e Responsabilidade Social.

Dora Martins tratou a função recursos humanos no desenvolvimento de práticas de organização do trabalho, gestão de competências, participação e responsabilidade social, destacando as necessidades e potencialidades da função nos dias de hoje Berta Granja falou sobre os estágios curriculares, estágio académico, como núcleo de direcção teórica e epistemológica da formação para o exercício das profissões complexas, tais como o serviço social, com base num trabalho de investigação exploratória realizado num curso de licenciatura em serviço social.

Hermes Costa abordou o tema dos Conselhos de Empresa europeus. A comunicação proposta visou, por um lado, dar conta do "estado da arte" da implementação da directiva comunitária, tanto no quadro UE como (dentro deste) em Portugal e, por outro lado, deu-nos conta, de forma mais substantiva, sobre o modo como as organizações de trabalhadores (e seus representantes) têm vindo a lidar com o processo (ainda pouco consolidado) de constituição de CEE em Portugal - aqui se realçando não só os obstáculos com que vêm sendo confrontados

(alguns dos quais já acima mencionados) – e sobre o modo como os têm procurado superar. Por último, fez-se ainda um elenco de alguns caminhos em aberto (i.e., de algumas potencialidades futuras inerentes aos CEE) e foram avançados alguns tópicos (tarefas) que uma agenda de investigação sociológica neste domínio deveria contemplar.

Maria José Felício falou-nos da função de gestor, apresentando um estudo de caso sobre diagnóstico e compreensão das competências actualmente consideradas fundamentais no plano de desenvolvimento de uma grande empresa portuguesa.

Teresa Duarte e Maria José Sousa abordaram a questão da RSO nas PME, discutindo qual o seu papel e analisando práticas concretas.

Raquel Rego apresentou uma caracterização sociográfica das associações de carácter social, nas quais se incluíram ONG, associações de solidariedade social e associações de pessoas portadoras de deficiência. Victor Coelho e Rui Moura também se debruçaram sobre as práticas de RSE, mas mais centrado na área das políticas de emprego e formação, analisando PME, GE e centros de formação profissional. Pedro Parreira apresentou um instrumento de análise, especificamente a versão portuguesa do questionário construído com base no modelo de Robert Quinn dos valores contrastantes, aferindo das suas potencialidades.

O último tema, a “Qualidade de Vida e “Bem-estar no Trabalho”, assunto clássico na Sociologia mas de interesse sempre renovado pelo debate de ideias e pesquisas que surgem, iniciou-se com a conferência de enquadramento proferida pelo sociólogo e representante sindical Manuel Carvalho da Silva, que apresentou a sua visão no que respeita à importância da qualidade de vida do trabalhador no cenário actual. Em seguida, na mesa redonda Políticas Públicas e Qualidade de Vida, apresentaram-se as perspectivas das diferentes instituições em debate sobre o equacionar da qualidade de vida dos trabalhadores nas empresas e organizações. Estiveram presentes representantes do ISHST (Jorge Gaspar), do IQF (Teresa Paixão), e do IEF (Alexandre Rosa). Luís Lopes assegurou ao papel de moderador, em representação da Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho e, no final, contámos com o comentário crítico de Ilona Kovacs e Carlos Gonçalves.

Continua na página seguinte



Assembleia Geral da APSIOT 2005 / 2006

No passado dia 29 de Abril de 2006 realizou-se a Assembleia Geral da APSIOT, na sede da associação, de acordo com a convocatória enviada aos sócios. A assembleia aprovou o relatório de actividades e contas de 2005, assim como a proposta de substituição de dois membros do Conselho Executivo, devido à falta de disponibilidade para desempenharem cabalmente as suas funções. A Assembleia aprovou ainda o plano de actividades e o orçamento para 2006 propostos pelo Conselho Executivo e congratulou-se pelo trabalho de revitalização e dinamização da associação que foi desenvolvido pelo Conselho Executivo.

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2005

Executivo (CE) foi possível retomar as actividades normais da APSIOT e assegurar as condições para a implementação de outras medidas essenciais à sustentabilidade imediata da APSIOT: passou-se para o modelo de contabilidade organizada com a contratação de uma contabilista; retomou-se o estudo do POEFDS sobre a responsabilidade social nas PME; implementou-se a organização de seminários, comemoração dos 20 anos da associação, organização do XI Encontro Nacional de SIOT e reatou-se a publicação da revista Organizações & Trabalho e o Boletim SIOT. Além disso foi possível realizar diversas reuniões de apresentação da APSIOT com vista a protocolos/parcerias, nomeadamente com: Presidente da OIT; Presidente do ISHST; Presidente do IGFSE; Presidente da FCT-MCES; Presidente do CES; Secretário-Geral da CGTP; Presidente do IQF; Presidente da APG; Direcção da APQ; Direcção da DGEOP-MTSS; Direcção do IEF.

Com a eleição de um novo Conselho

Actividades genéricas

Seminário “Competitividade e Modelo Social”

Seminário que decorreu no Instituto Alemão, em Lisboa, a 2/Junho/2005, integrado nas comemorações dos 20 anos da associação, seguido de um **Jantar Comemorativo dos 20 Anos da associação**, no qual foram homenageados três sócios;

Seminário “Novas Formas de Coesão Social: Que Gestão Social”

Este seminário decorreu no dia 10 de Novembro, no auditório do Instituto Alemão, em Lisboa, das 14h00 às 18h00.

XI Encontro Nacional de SIOT

Realizou-se nos dias 24 e 25 de Novembro, no auditório da AICCOPN (Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte), no Porto, subordinado ao tema “Competitividade, Responsabilidade Social e Qualidade de Vida”. As comunicações do encontro foram publicadas em CD-ROM.

Projecto do POEFDS

Durante 2005 foi possível desenvolver e concluir o projecto da APSIOT “A responsabilidade social nas pequenas e médias empresas-PME”.

Revista Organizações e Trabalho

No fim do 1º semestre de 2005 foi publicado o número duplo nº 29/30 e foi também elaborada a candidatura ao apoio da FCT-MCES para 2005.

Boletim de SIOT

Em 2005 foram editados os números 53/54 e 55, já em suporte electrónico, mas também em papel para os sócios sem e-mail.

Newsletter de SIOT

Ainda em 2005 foram desenvolvidos os trabalhos de *design* e simulação de uma *newsletter* para ser lançada regularmente em 2006 (o 1º número saiu em Fevereiro).

Apoio à Inserção Profissional dos Associados

Sempre que solicitado, a APSIOT continuou a dar o acompanhamento possível aos sócios desempregados ou à procura de formação ou de um novo emprego na sua área de formação.

Directório de correio electrónico

Em finais do 1º semestre de 2005, a APSIOT subscreveu o serviço de banda larga, por forma a prestar um melhor serviço de informação. Continuou-se com a gestão e actualização dos diversos directórios de e-mail específicos, o que permitiu transmitir informações frequentes de diversos eventos, ofertas de formação e de emprego.

Página Web da APSIOT:

Em 2005 implementou-se o trabalho de colocação online dos boletins electrónicos de SIOT; colocação das informações e documentos relativos ao XI Encontro e à revista O&T. Criou-se também no endereço *web* da APSIOT uma página específica do projecto POEFDS e foi elaborado um plano de reformulação do site procurando dar-lhe uma vertente mais interactiva (aguarda oportunidade). A colega Cláudia Teixeira Gomes continuou a colaborar na manutenção e actualização da página.

Formação

Em 2005 foi aplicado um inquérito aos sócios para saber as suas necessidades de formação. Posteriormente constituiu-se uma bolsa de formadores e definiu-se um programa de formação com vista a elaborar o dossier de acreditação como entidade formadora junto do IQF. Realizou-se um curso de formação em SPSS for Windows.

Fundo Documental da

Aprofundou-se a informatização e actualização do fundo documental para permitir melhores condições de pesquisa e requisição. Retomou-se também a revisão de todos os registos e recolocação de etiquetas de indexação do registo.

Tempo de Antena

A APSIOT usou o tempo de antena na RTP 1, concedido para o ano de 2005 (60 segundos), em Novembro, onde fez a divulgação do XI Encontro Nacional de SIOT. Ainda em Novembro, em nova reunião, a APSIOT assegurou 68 segundos para 2006.

Dinamização Regional

Durante o ano de 2005 desenvolveram-se algumas estratégias de dinamização e divulgação da associação, sobretudo através das delegadas do Norte, e naquela região. As iniciativas mais elucidativas passaram pela divulgação do XI Encontro e a preparação de um Seminário para 2006, na Universidade do Minho. Foram também desenvolvidos outros contactos com delegados regionais, esperando-se resultados.

Ao nível dos trabalhos de investigação e estudos, foram apresentadas nove comunicações sobre o tema “Qualidade de Vida e Bem-estar no Trabalho”.

Catarina Sales Oliveira falou-nos das particularidades casa/trabalho e do seu impacto nas vivências dos trabalhadores, no contexto da metrópole de Lisboa, caracterizando o perfil destes trabalhadores. Marina Kolarova apresentou a investigação “Os Quadros na Banca Portuguesa: diagnóstico organizacional, modelos de liderança e enquadramento sindical”, dados obtidos através de um inquérito por questionário aos membros do Sindicato dos Bancários. Ilona Kovacs falou-nos da percepção dos trabalhadores sobre as actuais condições de trabalho, nomeadamente o confronto estabilidade / instabilidade do vínculo. Isabel Vaz e Manuela Paixão trouxeram-nos um estudo sobre a eficácia real das acções de formação profissional ministradas na década de 90. Maria da Conceição Cerdeira abordou as tendências recentes da contratação colectiva nas indústrias de processo. António Brandão Moniz apresentou o projecto WORKS, que procura estudar como o emprego, a aprendizagem e as práticas de trabalho se estão a adaptar aos processos de mudança, e que efeito tem essa mudança.

Maria Manuel Fonseca apresentou os resultados provisórios de uma investigação sobre a problemática do desenvolvimento de recursos humanos em contexto empresarial. A encerrar, Ana Paula Marques trouxe-nos um estudo sobre os diferentes percursos de inserção profissional segundo o diferencial do género.

O Encontro Nacional demonstrou, deste modo, a importância essencial da APSIOT para a apreciação, análise e perspectiva da sociologia do trabalho e das organizações em Portugal. Mais uma vez a nossa Associação cumpriu um serviço público fundamental ao País, cujo papel foi expressamente reconhecido por Sua Excelência o Ministro do Trabalho no discurso de encerramento do XI Encontro Nacional, ladeado pelo Presidente da APSIOT, pelo Presidente da Comissão Organizadora, pelo Presidente da AICCOPN e pelo Inspector Geral de Trabalho. ■

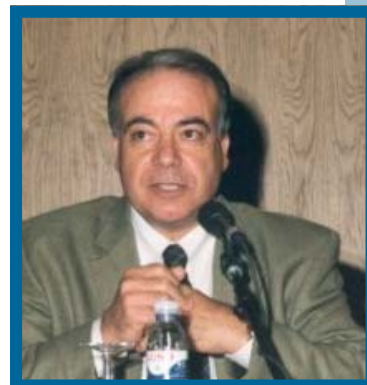
À conversa com....

Carvalho da Silva

Boletim Siot – Boa tarde. Nós somos colaboradores da Apsiot e gostaríamos de entre-vistá-lo para o Boletim. São questões que de certa forma incidem na relação que tem com a Associação. Mas uma das primeiras questões que gostaríamos de saber é como surgiu a Sociologia na sua vida, tendo em conta que, embora não tenha sido só agora mas já há algum tempo, não foi uma opção sua desde o início.

Carvalho da Silva – Evoluiu com alguns fundamentos lógicos. Eu na juventude fiz o curso de montador electricista na escola industrial em Braga – Escola Carlos Amarante. Tinha um sonho, desde pequeno, que era fazer formação na área da Electrotecnia. Aliás, tive de me deslocar todos os dias da minha aldeia (Viatodos), porque na Escola onde fiz o Ciclo Preparatório, Famalicão, não havia qualquer curso ligado à electricidade. Comecei a trabalhar após fazer o curso de montador electricista. Ainda tentei prosseguir os estudos no Instituto Industrial, mas tive que interromper esse sonho por causa do Serviço Militar. Nunca mais tive oportunidade, depois do regresso do Serviço Militar, de terminar a formação naquela área, dado que, logo de seguida, fiz formação na área da organização do trabalho, o que significa que mudei de rumo. Tive sorte na altura (1972/1973), pois trabalhando com um salário razoável e fazendo uma excelente formação profissional, o que permitiu, em Setembro de 1973, entrar para a empresa, a cujos quadros ainda pertenço, com funções valorizadas no plano profissional e salarial. Depois, acabei por me envolver no sindicalismo e fui fazendo um percurso de sindicalista. Nessa caminhada, às vezes em deba-

tes, em discussões, em reflexões, sentia necessidade de arrumar algumas ideias. Já era Coordenador da Central nessa altura [a designação de Secretário-Geral é mais recente de Dezembro de 1999]. Comecei a trocar impressões com algumas pessoas e decidi que ia fazer o *ad hoc* para frequentar o ensino superior. Enquanto me preparava para o *ad hoc* também reflectia com alguns amigos sobre o caminho seguir. Estive a oscilar entre Direito e Economia. Confesso que gosto bastante de Economia. Também admiti retomar o velho sonho de fazer qualquer coisa ligada à Indústria. Depois, talvez devido à proximidade que julguei



existir entre aquilo que eu queria e o que o curso de Sociologia me podia proporcionar, optei pela Sociologia. Estava a preparar-me para a prova geral do *ad hoc*, observando e trabalhando provas de anos anteriores (isto em 1994) e parti do pressuposto que ia conseguir a aprovação, o que não era nada certo face à percentagem diminuta de aprovações. Mas comecei, desde logo, a preparar-me para as disciplinas específicas

de Sociologia. Optei por me candidatar ao ISCTE e entrei, fazendo as específicas de sociologia e matemática, com boas notas!

Bol Siot – Isso há quanto tempo?

Carvalho da Silva – Entrei em 1995 e conclui o curso em Julho de 2000. Durante o curso fiz aquilo que pretendia. Como no ISCTE tinha a possibilidade de escolher um vasto leque de optativas, escolhi aquilo que mais me interessava. Se não me engano, no primeiro ano havia uma disciplina optativa, as restantes eram obrigatórias, no segundo alargava o leque de optativas, no terceiro eram já muitas e no quarto eram todas, com a excepção de uma. Por relação com a minha experiência de vida, fui fazer as aprendizagens que tinham mais relação com a temática do trabalho. Não era propriamente um jovem de 19 ou 20 anos à procura de fazer qualquer coisa. Fiz, então, quase tudo o que tinha relação com o trabalho, com a economia e o desenvolvimento, fiz Introdução à Economia, Economia I e Economia II, já não me lembro dos nomes de todas as disciplinas ... e, a certa altura, queria perceber o funcionamento dos mercados e pedi autorização para frequentar Mercados Financeiros Internacionais, no curso de Gestão. Fiz, também por exemplo, Demografia, para perceber os movimentos demográficos. Depois realizei um trabalho – já não me lembro em

que cadeira foi – sobre Relações de proximidade entre a Sociologia e o Sindicalismo. Está, aliás, publicado na Revista “Organizações e Trabalho”, n.º 22. Eu fiz esse trabalho porque me apercebi

que havia vários dirigentes ou activistas sindicais que tinham optado por fazer formação universitária em Sociologia. Também há sindicalistas que fizeram outras opções. Por exem-

plo, o nosso dirigente responsável pelo Gabinete de Estudos, era dirigente sindical operário depois fez o curso de Direito e fez uma belíssima aprendizagem, associando a sua experiência e inserção na vida sindical, sendo uma grande mais valia para a Central.

Bol Siot – Quem é?

CS – É o Joaquim Dionísio, continua a ser dirigente, mas é um excelente advogado e jurista, mas a maioria dos sindicalistas, até agora, optou pela Sociologia. Fiz uma pesquisa a partir de um conjunto de casos e encontrei muitas proximidades entre temas fundamentais do Sindicalismo e campos de trabalho da Sociologia e não só centradas na Sociologia do Trabalho.

Bol Siot – De algum modo foi respondendo à segunda questão que tínhamos para lhe colocar: Em que é que a profissão de Sociólogo ou a formação em Sociologia alterou o seu activismo sindical?

CS – As características fundamentais da minha acção sindical não foram alteradas. A visão dos problemas, as abordagens, as possibilidades de intervenção e de debate em vários temas, essas sim, parece-me terem sido enriquecidas. Como já referi, a

“As características fundamentais da minha acção sindical não foram alteradas. A visão dos problemas, as abordagens, as possibilidades de intervenção e de debate em vários temas, essas sim, parece-me terem sido enriquecidas.”

eu queria e, no plano da acção, introduzindo, ou acrescentando a teoria em muitos conteúdos. Penso que adquiri uma outra vantagem: atenção maior à reflexão. Eu acho que

os clássicos e praticamente fundadores da Sociologia como Weber, Marx ou Durkheim continuam a ser hoje uma fonte de inspiração e enquadramento teórico de base para a abordagem de muitos problemas sociais. E depois as suas escolas desenvolveram-se e surgiram outras. Isso inculcou em mim preocupações de observação, de reflexão e de análise e, também, de desejo e de gosto pelo confronto das posições. Quanto ao estilo de trabalho como sindicalista, cada um de nós tem um estilo próprio, associado aos princípios e características

da organização em que está inserido. Eu procuro ter e tenho uma acção muito de intervenção no terreno, mas já tinha antes do curso, logo, não se alterou a

forma de intervir. Coordeno o trabalho de direcção da CGTP-IN, faço reuniões de trabalho nas estruturas, vou a muitas empresas, faço plenários de trabalhadores, reuniões com dirigentes e activistas sindicais, representações da central e também muitas conferências, palestras e debates em iniciativas de diversas organizações e instituições, em Congressos, em Universidades, etc.

Bol Siot – Há quem defenda que o sindicalismo e outras actividades temáticas perderam intervenção sobre os outros movimentos de natureza profissional, ambientalista, de direitos humanos, etc, qual é a sua posição sobre esta matéria?

CS – Bem, o que penso e digo, a partir da observação que faço, dos estudos que vamos realizando, é que há mudanças no lugar do trabalho e no valor do trabalho, mas o trabalho continua a ter [usamos muitas vezes este chavão], quer do ponto de vista estrutural quer estruturante da sociedade, uma grande centralidade. E não se perspectiva que o deixe de o ter, antes pelo contrário. Estudos mais recentes, estou-me a lembrar daquele trabalho feito

(Continua na página 8)

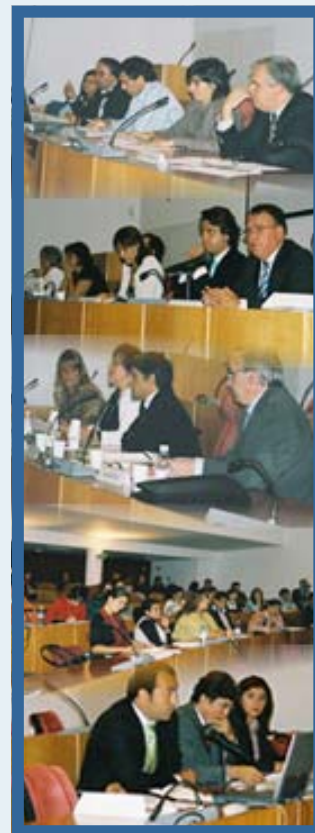
SEMINÁRIO

Desenvolvimento Local, Empresas e Autarquias

No passado dia 20 de Outubro realizou-se no auditório da biblioteca municipal de Oeiras mais um seminário organizado pela APSIOT. Subordinado ao tema “Desenvolvimento Local, Empresas e Autarquias”, o evento agregou académicos, autarcas e empresários, prosseguindo assim a missão da APSIOT de pôr em diálogo academia e mundo empresarial, em torno da SIOT.

Na mesa redonda da manhã debateu-se o tema dos “Desafios que se colocam ao desenvolvimento local” com as intervenções de Mário Caldeira Dias (OEFPIEFP), Jorge Gaspar (ISHST), Eurídice Pereira (CCDR), Fernando Ferreira Marques (AERLIS) e Isabel Guerra (ISCTE). O debate foi moderado por Maria João Santos (ISEG-UTL). O debate sobre esta problemática durou até à hora de almoço e da parte da tarde tivemos dois painéis temáticos com apresentação de estudos e casos. O primeiro painel, intitulado “O emprego e a sua relevância no desenvolvimento local: o papel das autarquias e das

empresas” contou com a moderação de José Catela (PT) e foram apresentados casos da Câmara Municipal de Oeiras, Sintra e da Associação Empresarial da Benedita. No segundo painel, moderado por António José de Almeida (ESCE-IPSetúbal) apresentaram casos e estudos a Universidade de Évora, a Câmara Municipal de Santarém, Palmela e Setúbal.



SEMINÁRIO

DESAFIOS À ECONOMIA SOCIAL - POLÍTICAS E PRÁTICAS

O seminário de 27 de Abril, realizado na Universidade do Minho, em Braga, enquadrou-se na política de descentralização de eventos da Direcção da APSIOT, nomeadamente através do desenvolvimento de iniciativas locais propostas e co-organizadas pelos delegados regionais. Neste caso particular, as duas delegadas regionais do Norte delinearão uma estratégia de parceria entre a APSIOT, o Núcleo de Estudos em Sociologia do Departamento de Sociologia da Universidade do Minho (NES) e o Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DS/ISFLUP), tendo elas próprias moderado as mesas.

Tal como definido no enquadramento e objectivos divulgados, o seminário propunha-se contribuir para a reflexão sobre o actual papel da economia social/terceiro sector no contexto nacional, através de uma primeira sessão com uma abordagem de carácter estruturante e teórico acerca da evolução histórica da economia social/terceiro sector em Portugal, bem como o seu enquadramento em termos das políticas sociais nacionais. Esta reflexão seria complementada com uma segunda sessão, de cariz

eminentemente prático, dedicada à partilha de conhecimentos e experiências de actores locais que no Norte de Portugal têm contribuído para o desenvolvimento da economia social/terceiro sector.

Assim, na primeira mesa moderada por Ana Paula Marques da Universidade do Minho, Carlota Quintão do Instituto de Sociologia da faculdade de Letras da Universidade do Porto desenvolveu a sua comunicação em torno de três eixos: conceitos, panorâmica histórica nacional e internacional e a situação portuguesa. Contudo, como ponto prévio, Carlota Quintão alertou para o facto de este ser um campo com cerca de 40 designações identificadas, que são usadas quando se fala neste sector não lucrativo. Todas estas designações significam que não há ainda consenso e há realidades diferentes de país para país e de região para região.

Ainda na primeira mesa, Pedro Hespanha da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra problematizou o jogo da aplicação das políticas sociais que se tornam atractivas para os governos. Ao desenvolver a sua análise em torno da economia social e das políticas públicas, referiu que temos boas políticas sociais, mas que já

não são assim tão boas aquando da sua aplicação prática.

Na segunda mesa, moderada por Cristina Parente, foram apresentados dois casos de estratégias e práticas da economia social desenvolvidas por duas instituições locais da economia social, consideradas como exemplo de boas práticas, designadamente a Kerigma (Instituto de Inovação e Desenvolvimento Social) de Barcelos e a ACEP (Associação Cultural e de Educação Popular) de Viana do Castelo. As intervenções de Alexandra Coelho (Kerigma) e de Benedita Correia e Luís Delgado (ACEP) centraram-se na apresentação das valências criadas e nas actividades desenvolvidas, quer como resposta às necessidades das comunidades locais, quer pela premência de encontrar saídas e estratégias de sustentabilidade.

As conclusões do seminário foram asseguradas por Ivo Domingues, do Departamento de Sociologia da Universidade do Minho

dessas vertentes. O caminho tem que ser o da potenciação dessa amplitude toda. Por um lado, não podemos desvalorizar a centralidade do trabalho e as amplas e crescentes questões inerentes ao trabalho, por outro, cada movimento deve intervir na construção de uma acção comum, respeitando sempre a identidade e os valores dos outros. É preciso um grande respeito de cada um pelos outros...

Bol SIOT – Como é que se consegue dinamizar esses movimentos?... o sindicalismo...?

CS – Nós estamos numa sociedade, a portuguesa, em que as questões do trabalho e, em particular, dos trabalhadores e do sindicalismo são muito mal tratadas, muito insuficientemente tratadas. Uma das coisas que me impressionou – ao longo dos últimos anos, em que tenho tido, não apenas por frequência do curso mas também por outras actividades, passagem por muitas universidades e por muitos debates de diverso teor – foi a constatação de uma fragilidade imensa, por parte de algumas escolas, em falar do trabalho. Fazem abordagens ligeiras, pouco rigorosas no plano científico e distanciadas do que se vive no terreno e, por outro lado, surgem lógicas pretensamente pós-modernistas feitas de ‘pés de barro’, enfim... No senso comum está uma visão sobre o Sindicalismo muito fechada e amputada. Por exemplo, a CGTP-IN, neste momento, tem uma intervenção muito ampla num conjunto de frentes onde, com a sua acção, está a produzir efeitos. Nós estamos a intervir nas questões relativas ao acesso à justiça, designadamente custas judiciais e apoio judiciário, temas

importantíssimos para os trabalhadores, e não só. Estamos a movimentar uma acção que vai influenciar a legislação e as práticas. Estamos a intervir de forma intensiva em relação à Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho, área que tem fortes relações, por exemplo com as questões da Igualdade ou com o tema do Ambiente. Estamos a intervir em relação a tudo o que são áreas

“(...) constatação de uma fragilidade imensa, por parte de algumas escolas, em falar do trabalho. Fazem abordagens ligeiras, pouco rigorosas no plano científico (...)”

sociais, nas Políticas do Emprego, do Desemprego, da Segurança Social, da Saúde, da Educa-

ção. A CGTP-IN fez, o ano passado uma excelente Conferência, (não conheço documentos melhores do que os dessa Conferência) sobre as questões relativas à Igualdade entre Homens e Mulheres, a Igualdade de Género. Mas desenvolvemos uma frente de trabalho interessante sobre a Igualdade do ponto de vista geral, nos seus diversos campos. Há dirigentes da Central que têm feito incursão estruturada, por exemplo, sobre a Responsabilidade Social das Empresas. Inclusive, temos dois quadros que abordam o tema com segu-

rança: um deles, é professor universitário na área da Gestão e é nosso colaborador permanente, o outro é também membro da Academia Sindical Europeia. Agimos em relação aos problemas da Imigração.

“O Movimento Sindical é apresentado muitas vezes à sociedade, como tendo uma acção centrada em dois ou três aspectos pontuais e muito uma dimensão de contestação de carácter político – ideológico, escamoteando-se a amplitude da sua acção e propostas.”

O Movimento Sindical é apresentado muitas vezes à sociedade, como tendo uma acção centrada em dois ou três aspectos pontuais e muito uma dimensão de contestação de carácter político – ideológico, escamoteando-se a amplitude da sua acção e propostas. Depois há outros problemas, muito, muito complicados, com que o movimento sindical se depara: a evolução da estruturação do capital; a evolução dos grupos económicos e da organização das empresas; mudam diversos aspectos e instrumentos que o homem manipula com os conhecimentos científicos, com a capacidade tecnológica de que hoje se dispõe (ou alguns dispõem) e com os avanços da comunicação e informação.

Há quem diga, e talvez com alguma razão, que há mudanças hoje a nível da estratégia, da estruturação e organização das empresas e dos grupos económicos no plano global, tão rápidas, abruptas e complexas que os Sindicatos para lhes responderem, com eficácia, em função da sensibilidade que os problemas sociais têm, precisam de oito ou nove anos para mudar essa realidade. Estamos numa sociedade em que há muito a ideia: ‘isto muda tudo, nós só temos

que nos adaptar...

Não! Nós temos que viver e agir no tempo em que estamos.

O que é mais intrínseco ao ser humano não muda assim tão depressa ou abruptamente, porque se mudasse, a espécie desaparecia rapidamente. E, portanto,

quando nós actuamos (apenas para completar o raciocínio) sobre a área social, actuamos essencialmente sobre componen-



tes em que os comportamentos são muito determinados pela essência do ser humano, e, portanto, isso é tudo muito mais lento. Por exemplo, às manipulações de livre circulação financeira, etc., não se conseguem respostas de intervenção social em que o comum dos cidadãos perceba e actue com rapidez. E eu digo que talvez isso seja uma vantagem dos seres humanos. Mas estas dessintonias de velocidades provocam crises, provocam desarticulações, de vários tipos. Num trabalho que estou a

desenvolver, refiro que um dos grandes problemas que os Sindicatos se debatem é aquilo que eu, de forma simplista, poderei dizer: a fácil deslocalização do momento e do local do conflito. A sociedade humana é uma sociedade conflitual, de múltiplas conflitualidades. Mas o que acontece é que hoje, no mundo do trabalho, a deslocalização do momento e do ponto do conflito é constante e difícil de controlar. Por exemplo, um colectivo de trabalhadores de uma empresa pode ir construindo factores de identidade de grupo, factores que lhe permitem formular reivindicações, etc., e até definir uma estratégia de acção extraordinária. Mas a possibilidade de manipulações de que os patrões dispõem em função de ameaça de deslocalizações, do funcionamento em rede, da utilização de sub-

contratações, de manipulações de contabilidade e outras, permitem a uma entidade patronal desarmar o momento e o conteúdo do conflito do pé para a mão. Basta dizer: 'Nós deslocalizámo-nos!'. Desmorona-se tudo, fica tudo em instabilidade. Estes aspectos precisam de ser mais reflectidos e estudados na

Sociologia. A Ilona Kovacs, por exemplo, tem progredido, no meu entender muito bem, na análise de um outro aspecto associado a estes que estava a referir, que é o da segmentação do mercado do trabalho.

Mas no senso comum isto tudo está muito longe de estar percebido. Os sindicatos terão atrasos nas análises e logo na formação de propostas, mas por si só, não podem nunca colmatar os défices acumulados. A valorização da actividade sindical seria muito útil ao fortalecimento da democracia. Se a actividade sindical é colocada na margem; se os trabalhadores que se sindicalizam e mais ainda aqueles que optam pela actividade sindical, vêem penalizados os seus percursos profissionais, e até o direito ao trabalho; se as precariedades de trabalho aumentam; se por outro lado

"A Responsabilidade Social das Empresas deve significar um acréscimo àquilo que é a obrigação do cumprimento dos direitos mínimos, dos direitos que estão na Lei, e não surgir como actos de 'bondade' em substituição à Lei. (...)"

os apelos ao consumo se desenvolvem de forma irracional; se há subversão de valores que conduzem a ruptura de solidariedades; é muito difícil encontrar respostas.

Bol Siot – Aí é um bocado contraditório, porque essa precariedade não deveria levar a uma maior força e uma maior sin-

dicalização?

CS – Os momentos de grandes dificuldades não são mais mobilizadores. Por outro lado, há questões que se colocam fortemente no campo ideológico e no campo dos valores. Observe-se, por exemplo, as abordagens feitas sobre o conceito de empregabilidade.

Foi um conceito interessante na sua génese, mas os poderes dominantes, a ideologia neo-liberal que comanda este processo de globalização, coloca os indivíduos que não conseguem emprego como os primeiros responsáveis por essa situação porque "não criaram as capacidades para se empregarem". Um indivíduo que tiver que faltar ao trabalho por problemas de saúde corre o risco de ser tratado como malandro! Até em relação a uma coisa espantosa que é o aumento da esperança de vida, que é uma extraordinária conquista humana, se lançam cargas negativas. Um outro exemplo: já vi sociólogos escreverem, quase como descoberta, que os trabalhadores preferem não terem aumento do

salário ou até aceitarem a redução do salário a irem para o desemprego. 'Os trabalhadores são seres racionais como todos os outros seres humanos!'

Bol Siot – Uma última questão é, reportando um pouco ao Encontro

realizado em Novembro e, especialmente no que respeita a compatibilizar a Competitividade e Responsabilidade Social das Organizações/Empresas, qual pode ser o papel do Sindicalismo para o reencontro da Economia com a

Dimensão Social?

CS – Eu acho que é grande! E vão-se fazendo ensaios, vão-se dando passos, mas há uma posição de princípio em relação à Responsabilidade Social das Empresas que para o Sindicalismo é fundamental. A Responsabilidade Social das Empresas deve significar um acrescento àquilo que é a obrigação do cumprimento dos direitos mínimos, dos direitos que estão na Lei, e não surgir como actos de 'bondade' em substituição à Lei. Isto aplica-se em relação aos direitos dos trabalhadores, às questões ambientais, aos direitos relativos à ecologia no plano global, aos direitos sociais e, também, em relação aos contextos envolventes às empresas. Já observei um caso em que uma empresa que tinha como prática uma grande relação com o contexto envolvente, em que alguns dos seus principais dirigentes e quadros de topo tinham influência e funções no meio envolvente, uns ligados à política, outros ligados a actividades sociais e culturais, etc. Em determinada altura uma nova entidade passa a dirigir a empresa e começa a afastar esses quadros e a substituí-los por outros. Essa atitude de cortar as amarras com o meio envolvente, serviu para atacar os direitos dos trabalhadores, alterar o quadro de relações laborais, instabilizar a empresa, envolvimento em negócios esquisitos e depois muito desemprego. É muito importante, no contexto de um mercado de trabalho extremamente segmentado e repleto de precariedades, a construção de compromissos visando o cumprimento de regras mínimas. Como eu disse no Encontro SIOT, estamos perante uma proliferação de mercados de trabalho, formando espiral regressiva onde está sempre a surgir um mercado menos valorizado e mais precarizado. Ora, num contexto destes, conseguir-se numa empresa, num grupo económico, num sector, um compromisso

que mencione direitos essenciais, isso é valioso. Mas não podemos esquecer as grandes questões das relações de trabalho nas empresas, que continuam a centrar-se no estabelecimento e controle dos horários de trabalho, dos salários, dos direitos ao emprego, das condições de prestação do trabalho, das trajectórias e carreiras profissionais, da relação

do trabalho com os direitos sociais.

BoI SIOT – Existe mais alguma questão que gostasse de ver abordada?

CS – Não! Esta foi uma conversa interessante e agradeço os questionamentos feitos.■

Nota biográfica

Manuel Carvalho da Silva



Nasceu em Viatodos, Barcelos, em Novembro de 1948, no seio de uma família de pequenos agricultores. Aí fez a instrução primária.

Fez o ciclo preparatório na Escola Industrial e Comercial de Vila Nova de Famalicão e o curso de Formação Montador Electricista, na Escola Industrial Carlos Amarante, em Braga.

Trabalhou até à entrada no Serviço Militar Obrigatório como operário electricista. Esteve na guerra colonial, em Cabinda, como furriel miliciano, nos anos de 1970, 1971 e início de 1972.

Adquiriu, durante 1972 e 1973, formação profissional em contexto de trabalho na Chromolit Portugal, na área de organização de trabalho. Trabalhador da Electromecânica Portuguesa Preh (Trofa) desde Setembro de 1973, onde faz parte da Comissão de Trabalhadores.

Foi delegado sindical, colaborou em grupos de trabalho para a contratação colectiva e desempenha, a partir de 1976, o cargo de Presidente da Assembleia-Geral do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte. Foi membro do Secretariado da União dos Sindicatos do Porto, entre 1975 e 1978. É membro da Comissão Executiva da CGTP-IN, desde Janeiro de 1977.

Eleito Coordenador da CGTP-IN em Junho de 1986, é, a partir de Dezembro de 1999, Secretário-Geral, designação adoptada, pela primeira vez, nesta Central Sindical.

Em representação da CGTP-IN, é membro do Comité Executivo da Confederação Europeia de Sindicatos e Presidente da Comissão de Desenvolvimento Regional e o Ordenamento do Território (CDROT). Desempenha outras representações diversas.

No exercício do seu cargo sindical, tem participado ao longo dos anos em congressos, conferências e colóquios nacionais e internacionais. Foi, várias vezes delegado dos trabalhadores portugueses a conferências anuais da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa (ISCTE), em Junho de 2000. Aí desenvolve uma tese de doutoramento sendo, em função do projecto de investigação inerente à tese, bolseiro da Função Ciência e Tecnologia, desde Março de 2002.

Nos últimos anos, como sociólogo (com a condição de sindicalista presente), tem participado em múltiplos Congressos e Conferências e em trabalhos e actividades de várias Universidades. Tem alguns trabalhos publicados em revistas, livros da especialidade e em actas de congressos. É membro do Conselho Consultivo da Universidade Aberta e do Conselho Consultivo do Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Autor de múltiplos artigos sobre sindicalismo, trabalho, economia e desenvolvimento em revistas da especialidade. Tem participação, com textos ou capítulos, em diversas publicações. Autor dos livros: *Acção Sindical – Transformação e Desenvolvimento* e *Agir Contra a Corrente – reflexões de um sindicalista*, editados pelo Campo das Letras, respectivamente em Outubro de 2000 e Outubro de 2002.



FUNDO DOCUMENTAL ○ Ofertas e Permutas

Esta secção destina-se a apresentar a bibliografia recente que a APSIOT recebe dos vários organismos nacionais e internacionais, bem como dos próprios autores.

A APSIOT agradece a oferta especial de quase 100 publicações ao Fundo Documental cedidas pela Associada Luísa Cristóvam

Revistas e Boletins

Título	Editor	Ano	Nº	Ano	Nº
Análise Social	ICS-UL	2005	175, 176, 177		
Sociologia	FLUP	2004	14		
Revista Crítica de Ciências Sociais	Centro de Estudos Sociais	2005	72, 73		
Formar	IEFP	2005	52		
Recursos Humanos Magazine	RHMagazine	2005	40, 41	2006	42, 43
Informação	AIP	2005	5-6, 7-8, 9-10, 11-12		
Pretextos	ISS	2005	19, 20		
Current Sociology	Sage Publications	2005	53-6	2006	54-1, 54-2
International Sociology	Sage Publications	2005	20-4	2006	21-1, 21-2
Sociologia, Problemas e Práticas	CIES/Celta	2005	49		
Lusíada	Universidade Lusíada	2005	5		
Sociedade e Trabalho	MTSS	2005	26, 27		
Economia e Sociologia	ISESE	2005	80		
Revista Portuguesa de Pedagogia	FPCE-Univ. Coimbra	2004	39		
Comportamento Organizacional e Gestão	ISPA	2005	11-2		
Forum Sociológico	IEDS-FCSH/UNL	2005	13-14		

Ofertas - Livros

Autor(es)	Título	Editor	Ano
DGEOP	Uma Avaliação da Criação e destruição de Emprego em Portugal na Década de 2000 a 2010	MTSS	2005
DGEOP	Demografia de Empresas e Estabelecimentos em Portugal 2001-2002	MTSS	2005
SANTOS, Maria João (coord.)	Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Empresarial	Celta	2005
KOVÁCS, Ilona	Flexibilidade de Emprego - Riscos e Oportunidades	Celta	2005
DGEOP	Competitividade, Inovação e Emprego	MTSS	2005
DGERT, IESE	Rotação Emprego-Formação: a experiência portuguesa de jobrotation	MTSS	2005
DGEOP	Os jovens e o mercado de trabalho	DGEOP/MTSS	2006
DGEOP	O trabalho não declarado em Portugal	DGEOP/MTSS	2006
MTSS (Dornelas, António, Coord)	Livro Verde sobre as Relações Laborais	MTSS	2006
Marques, Ana Paula	Trajectórias de Qualificação Profissional: Processos de Dualização - um estudo de caso da	Edições Afronta-	2005

NOVOS SÓCIOS (de 01/03/2005 a 31/12/2005, e após relação Boletim 53/54)

EFFECTIVOS

nº	Nome
385	Mª Ercília Hilário Rodrigues
386	João Pedro D. Fontes da Costa
387	Hussnúbánú Alibhai Ribeiro
388	Rita Ferreira Gaspar
389	Isabel Castro do Nascimento
390	Rosa Dilar Pereira Costa
391	Cátia Sofia Barracho Tomaz
392	Ana Sofia Emília Pereira Soeiro
393	Natividade Conceição G. Augusto
394	Paula Mª Nunes Gonçalves Silva

395	Carolina Mª Castro Ferreira Silva
396	Ana Augusta Mestre Teixeira
397	Ana Isabel Couto
398	Pedro Miguel S. Dinis Parreira
399	Lucília Ribeiro de Carvalho
400	Pedro Fernando S. Silva Cunha
401	Sílvia Raquel Ferreira Lopes

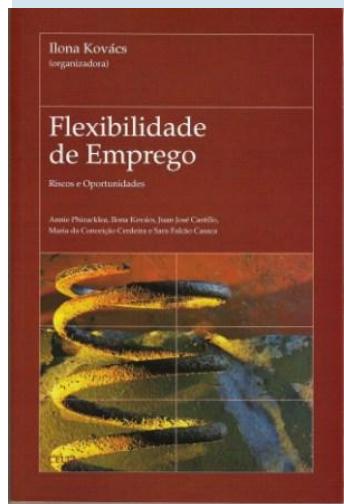
ESTUDANTES

200	Karina Branco Silva Sobral
201	Cátia Susete Pires Araújo da Costa
202	Madalena Sousa B. F. de Raimond
203	Madalena Cristo P. S. Pereira



Publicações

Esta secção destina-se a destacar as publicações dos sócios, oferecidas ao fundo documental da APSIOT.

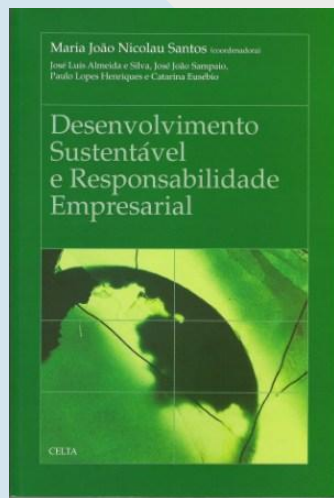


Título
Flexibilidade de Emprego

Autores
Ilona Kovács (org.)

Edição
Celta Editora

Páginas
177



Título
Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Empresarial

Autor
Maria João Santos (org.)

Edição
Celta Editora

Páginas
246

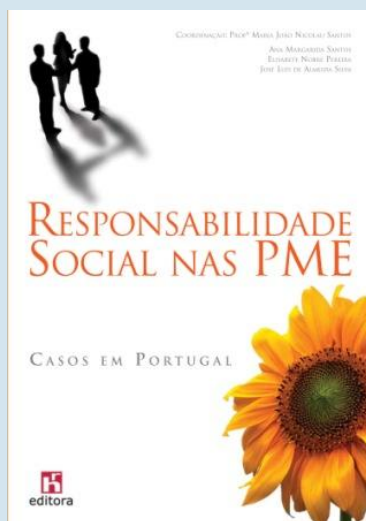


Título
Trajectórias de Qualificação profissional: Processos de dualização

Autor
A. Paula Marques

Edição
Afrontamento

Páginas
211



Título
Responsabilidade Social nas PME

Autor
APSIOT (POEFDS)
Maria João Santos (coord.)

Edição
RH Editora

Páginas
287

FICHA TÉCNICA

Propriedade: APSIOT - Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho ▪ **Direcção:** Celeste Martins Silva - Luís Lourenço ▪ **Supervisão** (representante do Conselho Executivo): Catarina Oliveira ▪ **Colaboração neste número:** Catarina Oliveira - Celeste Martins Silva - Luís Lourenço - Carvalho da Silva - Manuel Cruz ▪ **Contacto Email:** APSIOT@mail.telepac.pt - TEL/FAX: 21 868 79 41 ▪ **Sede:** Rua de Xabregas, nº 20, 3º Andar, sala 14, 1900-440 LISBOA - www.apsiot.pt ▪ **Periodicidade:** Quadrimestral ▪ Nº56/57 Julho-Dezembro ▪ **Tiragem:** 500 exemplares ▪ **Concepção e Composição Gráfica:** Celeste Martins Silva - Luís Lourenço ▪ **Impressão:** Tecla 3 - Artes Gráficas - Av. Almirante Reis, 45 A - 1150-010 Lisboa



Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia,
Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



PSE - Produtos e Serviços de Estatística, Lda.

